A Tradição Anglo-Americana da Liberdade Um Olhar Europeu

Este livro baseia-se numa adaptação para publicação das minhas provas de Agregação, submetidas na Universidade Católica em Março de 2007. Agradeço ao Júri dessas provas — os Professores Roque Cabral, Adriano Moreira, Viriato Soromenho Marques e Manuel Villaverde Cabral, bem como ao senhor Reitor, que presidiu — todas as referências críticas que exprimiram e que permitiram melhorar este trabalho. Naturalmente, eles não são responsáveis pelas opiniões pessoais que aqui defendo e pelos eventuais erros que elas contenham.

Devo ainda uma agradecimento muito especial à Universidade Católica, que se transformou gradualmente na minha casa, desde que fui convidado a aqui fundar um mestrado em Ciência Política em 1996, por muito amável — e à primeira vista um pouco arriscada — iniciativa de D. José Policarpo e do meu querido amigo Professor Mário Pinto. Foi sobretudo nesta casa e em diálogo com os professores e alunos desta casa — sobretudo os excelentes alunos do Instituto de Estudos Políticos --, que o argumento deste meu livro emergiu e ganhou maturação. É uma dívida de gratidão que fica comigo para sempre.

Queria ainda exprimir um agradecimento — talvez um pouco inesperado, mas que não posso evitar — ao Professor Aníbal Cavaco Silva, actual Presidente da República. Foi quando me convidou para seu Consultor para assuntos políticos — após a sua eleição, em Janeiro de 2006 — que lhe testemunhei a minha preocupação com o adiamento sucessivo dos trabalhos de Agregação — uma preocupação que o nosso Reitor e meu querido Amigo, Prof. Braga da Cruz, tinha a amabilidade de me ir recordando de tempos a tempos. O Prof. Cavaco Silva, que tinha feito há muito as suas provas de Agregação, concordou com a preocupação do Reitor e defendeu que eu devia aceitar ambos os desafios: a colaboração com a sua Casa Civil e a conclusão da Agregação. Não tenho a menor dúvida de que foi essa breve troca de impressões que me levou a decidir concluir os trabalhos de que este livro é resultado.

Finalmente, uma breve palavra de agradecimento para a minha família, com quem aprendi tudo o que é realmente matricial: as minhas Avós, os meus Pais, a minha irmã, a minha mulher, Graça, e as nossas filhas, Isabel e Diana, e numa fase mais recente, as nossas netas, Mariama, Yasmin e Sara. Sobretudo a minha Mãe, que infelizmente nos deixou antes da conclusão deste livro, devo realmente tudo.

Este livro parte de uma interrogação e procura dar-lhe uma resposta, ou, talvez mais exactamente, procura abrir um caminho de resposta. Não é uma nova resposta nem uma nova interrogação. É a tentativa de redescoberta de um velho caminho de resposta para uma velha pergunta. Eu não me proponho inventar nada. Proponho-me apenas redescobrir velhos problemas e velhas respostas que as ideologias modernas esqueceram e procuram manter esquecidas.

A minha interrogação de partida pode ser formulada de muitas maneiras, mas era uma interrogação muito bem conhecida, desde pelo menos o século XVII, sobretudo entre aqueles que admiravam o regime constitucional inglês, por contraste com o absolutismo continental, sobretudo francês e castelhano. Essa pergunta era basicamente a seguinte: porque é que a Inglaterra tem um regime monárquico, liberal e ordeiro, enquanto no continente existem sobretudo monarquias absolutas? Depois da Revolução Francesa de 1789 — essa doença infecciosa, como lhe chamou Edmund Burke — a pergunta manteve-se, com uma pequena alteração: porque é que a Inglaterra mantém um regime monárquico, liberal e ordeiro, enquanto na Europa temos agora a paixão pelo despotismo popular e republicano, no lugar antes ocupado pela paixão pelo absolutismo real?

A Tradição Anglo-Americana da Liberdade
Um Olhar Europeu
João Carlos Espada
Cascais, Principia, 2008

Esta pergunta foi reformulada por Lord Quntion, no capítulo dedicado à filosofia política, através do qual deu o seu contributo para a *Oxford History of Western Philosophy*. Anthony Quinton afirma aí que "o efeito da importação das doutrinas de Locke em França foi muito semelhante ao do álcool

POR **JOÃO CARLOS ESPADA**

DIRECTOR DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA, DIRECTOR DA NOVA CIDADANIA

num estômago vazio." E o autor acrescenta que, em Inglaterra, os princípios de Locke "serviram para sancionar uma ampla revolução conservadora contra a inovação absolutista", enquanto que em França a importação das ideias de Locke conduziriam ao radicalismo da revolução francesa[1].

Esta diferença captou a imaginação de várias gerações de anglófilos na Europa.[2] Desde a Revolução Francesa de 1789, gerações sucessivas de grandes intelectuais franceses — como Benjamin Constant, Guizot, Tocqueville, Élie Halevy ou Raymond Aron — observaram a propensão da França para o eterno conflito entre revolução e contra-revolução, lamentando que a chamada "Pátria das Luzes" não tivesse conseguido reproduzir o chamado "milagre da Inglaterra moderna", uma frase cunhada por Élie Halevy. E é importante notar que este milagre não residiu apenas, nem mesmo sobretudo, no facto de a Inglaterra ter sido poupada à revolução desde 1688. Como recordou a distinta historiadora norte-americana Gertrude Himmelfarb,

> *"O verdadeiro "milagre da Inglaterra moderna" (a famosa expressão de Halévy) não está em ter sido poupada à revolução, mas em ter assimilado tantas revoluções — industrial, económica, social, política, cultural — sem recorrer à Revolução."*[3]

Creio que uma das melhores ilustrações desta versatilidade não revolucionária da cultura política inglesa reside numa passagem de Winston Churchill sobre a filosofia política de seu pai, Lord Randolph Churchill, um destacado parlamentar conservador. Disse Churchill sobre seu pai:

> *"[Lord Randolph Churchill] não via razão para que as velhas glórias da Igreja e do Estado, do Rei e do país, não pudessem ser reconciliadas com a democracia moderna; ou por que razão as massas do povo trabalhador não pudessem tornar-se os maiores defensores destas antigas instituições através das quais tinham adquirido as suas liberdades e o seu progresso. É esta união do passado e do presente, da tradição e do progresso, esta corrente de ouro, nunca até agora quebrada, porque nenhuma pressão indevida foi exercida sobre ela, que tem constituído o mérito peculiar e a qualidade soberana da vida nacional inglesa."*

Esta passagem — que combina uma visão profundamente conservadora com uma visão profundamente democrática — seria muito difícil de encontrar num actor político marcante da tradição política continental. Como observou Tocqueville, no continente europeu, os políticos conservadores tendiam a opor-se à democracia, e os defensores da democracia tendiam a opor-se aos modos de vida e às mundovisões conservadoras. Esta dicotomia fatal conduziu a Europa continental aquilo que Tocqueville designou por "conflito estéril entre Antigo Regime e Revolução". Na tradição anglo-americana, essa dicotomia não existiu, ou nunca foi levada a sério.

UMA PERGUNTA CENTRAL

Como explicar estas tão profundas diferenças entre a tradição política anglo-americana e a tradição política francesa? Esta é a pergunta central deste livro e da exploração intelectual que lhe subjaz.

O livro está organizado em cinco partes. As quatro primeiras constituem uma espécie de visita guiada ao pensamento de vários grandes autores que considero relevantes para a descoberta das especificidades da tradição política anglo-americana.

As diferenças entre as culturas políticas de língua inglesa e continental são mais importantes do que as diferenças entre esquerda e direita ou entre socialismo, liberalismo e conservadorismo.

Na primeira e segunda partes estão autores do século XX: Karl Popper, Friedrich A. Hayek, Isaiah Berlin, Michael Oakeshott, Leo Strauss, Ralf Dahrendorf e o casal Gertrude Himmelfarb e Irving Kristol. Na terceira parte estão autores dos séculos XVIII e XIX: Edmund Burke, James Madison em contraste com Jean-Jacques Rousseau, e Alexis de Tocqueville. A quarta parte é exclusivamente dedicada a Winston Churchill.

Finalmente, na Quinta Parte, procuro responder à pergunta que serviu de ponto de partida a toda esta viagem de exploração intelectual. Recorrendo aos autores antes discutidos, apresento a minha proposta de explicação para o "milagre da Inglaterra moderna" e para o "efeito de álcool em estômago vazio", ou, por outras palavras, para as diferenças entre a tradição política anglo-americana e a tradição política francesa, por vezes também designada por continental.

DUAS CULTURAS POLÍTICAS

A proposta que desenvolvo na Quinta Parte, e de que aqui apenas posso dar alguns traços fundamentais, consiste em sublinhar que essas diferenças — entre a tradição anglo-americana e a tradição francesa ou continental — assentam em diferenças fundamentais entre as *culturas políticas* dessas duas tradições.

Por cultura política não pretendo designar nenhuma doutrina política particular, como socialismo, liberalismo ou conservadorismo. Também não me refiro ao ideário específico da chamada esquerda, ou da chamada direita, nem mesmo do chamado centro. Por cultura política, pretendo designar algo que serve de base a essas divisões: algo que talvez pudéssemos designar como o idioma político, ou as categorias conceptuais, que fornecem as referências comuns ou o pano de fundo no qual rivalizam as famílias políticas. E gostaria de sugerir que as diferenças entre as culturas políticas de língua inglesa e continental são mais importantes do que as diferenças entre esquerda e direita ou entre socialismo, liberalismo e conservadorismo. Diria mesmo que a esquerda e a direita estão mais perto uma da outra no interior de cada uma dessas culturas políticas do que a esquerda está da esquerda e a direita está da direita em diferentes culturas políticas.

Por outras palavras, as diferenças entre a tradição política anglo-americana e a tradição francesa devem-se menos a características *peculiares* da esquerda *ou* da direita em cada uma dessas tradições, mas sobretudo a características comuns da esquerda e da direita em cada uma dessas tradições. Em suma, existem certos conceitos-chave que são partilhados à esquerda e à direita no interior de cada tradição política. E esses conceitos-chave são percepcionados de forma muito diferente, quer pela esquerda quer pela direita, quando se muda